



1621 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 22 - Educação Especial

A INVENÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS NAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES
Vaneza Silva da Rosa - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

A INVENÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS NAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES

RESUMO

O presente artigo apresenta e discute os resultados finais de uma pesquisa realizada no Curso de Mestrado em Educação que teve como objetivo entender e problematizar as narrativas das experiências docentes com alunos autistas, abrangendo um grupo de quatro professoras que atuam em uma escola municipal do Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul. O material de pesquisa resultou das entrevistas narrativas, nas quais as professoras narraram histórias de vida pessoal e profissional, suas experiências docentes com alunos autistas. Com a produção dos dados evidenciei diferentes modos de olhar e sentir as experiências com alunos autistas, visto que as professoras inventaram um modo de falar sobre eles, considerando os conhecimentos em sua trajetória de vida pessoal e profissional. Para dialogar com as narrativas, os estudos de Larrosa (2015), Thoma (2004) e outros autores, contribuíram para pensar em experiências docentes e alunos autistas.

Palavras-chave: Alunos autistas, narrativas, experiência, professoras, invenção.

A INVENÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS NAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES

RESUMO

O presente artigo apresenta e discute os resultados finais de uma pesquisa realizada no Curso de Mestrado em Educação que teve como objetivo entender e problematizar as narrativas das experiências docentes com alunos autistas, abrangendo um grupo de quatro professoras que atuam em uma escola municipal do Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul. O material de pesquisa resultou das entrevistas narrativas, nas quais as professoras narraram histórias de vida pessoal e profissional, suas experiências docentes com alunos autistas. Com a produção dos dados evidenciei diferentes modos de olhar e sentir as experiências com alunos autistas, visto que as professoras inventaram um modo de falar sobre eles, considerando os conhecimentos em sua trajetória de vida pessoal e profissional. Para dialogar com as narrativas, os estudos de Larrosa (2015), Thoma (2004) e outros autores, contribuíram para pensar em experiências docentes e alunos autistas.

Palavras-chave: Alunos autistas, narrativas, experiência, professoras, invenção.

INTRODUÇÃO

Para se entender e problematizar a invenção de um aluno autista^[1], lugar a que somos levados pelas leituras de narrativas de quatro professoras referente as experiências docentes com alunos autistas, torna-se importante discutir os modos de falar sobre o outro e como a sua presença afeta as nossas vidas. Quem é esse outro? Como se relaciona? São perguntas que instigam a pensar nas experiências docentes com alunos autistas. Para pensar essa experiência, poderemos imaginá-la como um desenho que expressa sentimentos, emoções, afetos e inquietudes nos traçados, contornos, rabiscos e nas cores que irão compor a arte de desenhar. E, assim, no movimento imagético da experiência, elenquei os estudos de Larrosa (2015, p.18) para desenhar uma experiência "que nos passa, que nos acontece, que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece." No momento em que as professoras se sentem afetadas pelas experiências com os alunos autistas, inventam um modo de falar sobre eles em uma via de mão dupla, pois consideram os conhecimentos da sua trajetória pessoal e profissional, mas, ao mesmo tempo, poderão ser interpeladas pelos sentidos dessas experiências, tendo em vista que não se repetem, são únicas, singulares a cada uma. Experiência que não está relacionada com a contagem do tempo, com os anos de profissão e tampouco com um currículo acadêmico, mas produzida pelos afetos, inquietudes, no não saber, nas interpelações. É uma experiência relacionada à vida, potencializando a transformação.

Nesta relação de experiências docentes e alunos autistas entendo e problematizo uma composição de narrativas que foram contados por um grupo de professoras inventando um modo de falar sobre os alunos autistas.

Percurso Metodológico

Como um grupo de professoras narra as suas experiências docentes com alunos autistas? Foi a partir desta problemática que o desenho da trajetória metodológica foi delineado. Para o encontro com cada uma das professoras, foram necessárias algumas escolhas, entre as quais a de ter experiências docentes com alunos autistas, disponibilidade para os encontros e a entrevista narrativa.^[2] Após a delimitação do grupo,

os encontros tiveram distintos momentos, partindo de uma conversa inicial para o levantamento de dados, idade, anos de docência, formação profissional. Abaixo segue a tabela com a caracterização do grupo.

Tabela 1 – Professoras

Fonte: Própria

IDENTIFICAÇÃO	ANO	FORMAÇÃO	HORA AULA	IDADE
Professora "L" 25 Anos de Docência	4º Ano Ensino Fundamental	Pós-Graduação em Ed. Física e Pós Graduação em Educação Infantil e Anos Iniciais	20 Horas	45 Anos
Professora "J" 4 Anos de Docência	1º Ano Ensino Fundamental	Pedagogia (Educação Infantil e Anos Iniciais) e Pós Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica	20 Horas	27 Anos
Professora "G" 6 Anos de Docência	Ciências e Ensino Religioso nos Anos Finais. 1º Ano do Ensino Fundamental	Graduação em Biologia e Pós-Graduação em Educação Ambiental e Sustentabilidade.	40 Horas	35 Anos
Professora "B" 9 Anos de Docência	Anos Finais Ensino Fundamental	Geografia	20 Horas	30 Anos

* As professoras foram identificadas pela letra inicial do seu nome, preservando-se, desta forma, a identidade das mesmas.

No segundo momento, cada professora foi convidada a escrever uma carta, contando sobre a sua docência, as suas experiências docentes. A carta foi escolhida porque pode indicar o percurso, ser o desenho dos traçados e contornos das experiências de cada professora. As palavras tecendo as figuras que estão compondo a história de vida pessoal ou profissional, e as cores sendo evidenciadas a partir dos sentidos que essa escrita tem. Dito isso, entendo a entrevista com a inspiração nos estudos de Andrade (2012, p.174), "Como a narrativa de si, a compreensão de que cada pesquisador/a, na relação com/o outro/a, ressignifica o fazer metodológico em sua trajetória pessoal de investigação". Foram, as cartas, desencadeadoras das entrevistas narrativas, pois a escrita das cartas impulsionaram os diálogos com cada professora. No momento de cada entrevista, as professoras não verbalizaram somente palavras, mas expressaram os seus sentimentos, emoções, a linguagem do corpo também era narrada, bem como o silêncio de uma palavra não dita. A entrevista narrativa com cada professora, possibilitou entender as particularidades da vida pessoal e profissional que envolve cada uma delas, pois como diz Andrade (2012, p.190) "falar sobre a trajetória de vida escolar, implica falar em trajetória de vida de um modo bem mais amplo." Tensiono que a invenção de cada aluno autista pode ser produzida nos desenhos que cada professora fez/faz ao sentir, ser afetada pelas experiências docentes com alunos autistas.

O aluno autista como uma repetição

Ah! Porque já tive aluno autista, vai ser a mesma coisa. (Professora L)

Na epigrafe acima está o excerto da narrativa da Professora (L), que se refere a uma experiência com um aluno autista, pois ao saber que seria novamente professora de um aluno autista, não ficou apreensiva com o fato e, segundo ela, seria "a mesma coisa".

A expressão verbalizada pela Professora (L) pode ser justificada pelo entendimento corrente de que todo o aluno autista tem um mesmo modo de ser e agir, independente do seu histórico de vida, das suas trajetórias de aprendizagens? Estaria a professora considerando referenciais teóricos ou somente a sua experiência anterior? Como foi levada e ou deixou-se levar pela constatação de que seria a mesma coisa?

As referidas perguntas reportam a estudos clínicos referente ao autismo que trazem conceitos, certezas, características relacionadas à deficiência e, neste sentido, haveria uma naturalização de narrativas fechadas em si mesmas, inventando um aluno, produzido por representações construídas em uma cultura que sustenta como o outro deve ser.

No contexto dessa discussão é importante elencar a etimologia da palavra cultura, que está associada:

A noção de cultivo agrícola. A palavra cultivo aponta para uma produção orientada e regulada por práticas sociais distintas; agrícola, por sua vez, aponta para a ideia de atividade, de ação sobre o que poderíamos chamar de natureza. O conceito de cultura, portanto, pode ser entendido como uma ação, como uma possibilidade de intervenção sobre algo; assim, a palavra cultura coloca-se na própria ordem do mundo material. (LOPES, 2011, p. 18).

Pode-se considerar que a Professora (L) estaria fomentando uma cultura que traz as marcas de características relacionadas ao corpo, comportamento e aprendizagem, sendo elas uniformes, preconizando certezas e características de como é/será um aluno autista. Posturas e entendimentos desta natureza tendem a engessar nossos olhares e compreensões dos alunos autistas em afirmações que delimitam a sua existência, cultivando uma identidade fixa e operante em suas vidas. Quem sabe, nesse sentido, se cultive maneiras padronizadas de pensar

sobre o outro, com características comuns a todos, inventando tipos de pessoas, às quais são atribuídas um nome, um comportamento, uma aprendizagem e tendo como referência os aspectos clínicos do autismo.

O fato de nomear o aluno como autista o torna conhecido, saindo do lugar de desconhecido, investindo-se na sua captura para melhor compreendê-lo. No momento em que a captura acontece, possivelmente se institui um manual de prescrições de como aprende um aluno autista e como se deverá agir com ele.

O aluno autista como doente

[...] tu não consegues atingir o aluno, saber as questões dele, da doença dele". (Professora B)

O aluno autista, como um doente, foi inventado pela narrativa da Professora (B) no momento em que diz não conhecer as questões que envolvem a "doença do aluno". É possível que ela entenda que o autismo possa ser uma doença, sendo difícil compreender os sintomas que acometem o aluno. Mediante tal narrativa, constata-se a hipótese da invenção de um aluno doente, sendo desenhado em seus sintomas:

O marcador da doença, trazido pela Professora (B), para se referir ao aluno, está pautado por uma compreensão marcada pela ausência de conhecimentos, anunciada pela professora, considerando que ela exerce um trabalho de docência e não na área da medicina. Fato este que não a impede de fazer leituras direcionadas ao autismo e, principalmente, conheça e entenda o histórico de vida do aluno. Uma vez estando em uma condição patológica a existência do aluno autista, a sua maneira de estar no mundo e se relacionar com ele poderá ser justificada pela patologia.

A presente problematização pretende considerar que as palavras operam com base em uma semântica que pode ter como referência os conhecimentos cristalizados em uma formatação histórica, com aspectos clínicos atribuídos ao autismo. Estas palavras verbalizadas, inúmeras vezes, podem servir como aspectos que desenharam um jeito de ver, compreender, portanto, inventam um modelo de ser autista, onde a doença corresponderá ao seu modo de existir. O modelo pode servir como instrumento classificador do outro, atribuindo-lhe um grau, um número, um conjunto de características associadas a uma espécie de demarcação que configura o aluno autista em comportamentos e aprendizagens com medições correspondentes às suas dificuldades ou habilidades. Sendo assim, mediante a narrativa da professora (B), há uma hipótese de existência do saber médico que opera no conhecimento da patologia e nas possíveis intervenções educacionais. Assim, afirma Lockmann (2013, p. 136):

O saber médico além de marcar uma linha divisória entre normais e anormais, ele produz saberes específicos sobre cada uma dessas anormalidades, classificando-as em categorias e subcategorias, cada vez mais minuciosas e numerosas. Há, portanto, a necessidade de tornar os sujeitos conhecidos, de capturá-los dentro de classificações e diagnósticos que lhe atribuem um nome, ou de uma síndrome, ou de uma deficiência, mas, em qualquer um dos casos, fazem desse sujeito alguém menos estranho, mais conhecido e, por isso, mais governável.

É nesse sentido, que o saber médico poderá operar na invenção de um aluno autista, desenhando formas prontas, inibindo rupturas que permitiriam pensar em outros modos de ser aluno autista e não como um desenho que sirva de modelo para os demais. Entendo que o saber médico poderá contribuir com a docência, desde que não seja utilizado apenas para se entender o diagnóstico, usando este como um recurso classificatório, onde o aluno autista passa a ser visto com o olhar clínico pautado em características patológicas. Possivelmente, evidenciando-se a deficiência, que produz um desenho e servindo de rótulo autista unificado para todos.

Concernente às considerações, as narrativas de cada professora são pontuadas como excertos que compõem a história da sua docência, pelas quais a presença do outro, no caso o aluno autista, é uma construção, uma invenção que sedimenta traços compondo um desenho a partir do olhar e experiência singular de cada professora.

É importante elencar, a partir desta constatação, o significado da palavra invenção, procurando compreender de que maneira pode contribuir para a consolidação dos argumentos teóricos que estão sendo tensionados, considerando as aproximações com as narrativas das professoras.

Lopes (2011, p. 17), diz que "a palavra invenção tem o sentido que lhe atribuiu Wittgenstein (1979), em que as coisas são inventadas quando usamos a linguagem para falar delas, quando elas passam a existir em nosso cotidiano, quando passam a ter nomes." Com o embasamento da autora, o sentido da palavra invenção está focado na linguagem que traz consigo terminologias, conceitos, referenciais teóricos elaborados em uma construção histórica e cultural, que nos dias atuais ainda se encontra fortalecida pela relevância atribuída a essa.

A linguagem produz e ou poderá produzir um jeito autista, pautando que o mesmo não olha nos olhos, não se socializa e não aprende, ou que terá altas habilidades. Enfim, uma série de características que nomeiam o outro, a partir de um olhar temerário e que tem como referencial apenas o que está ausente ou no que se ressalta.

É o que se pode perceber na narrativa da Professora (J) em que evidencia como a linguagem se torna a interlocutora de narrativas naturalizadas, no momento em que diz:

Porque a gente né quando ouve falar do autista. O autista tá no mundo dele, o autista não quer contato, o autista é isso, o autista é aquilo... Professora (J).

Nota-se, na narrativa, a criação de um aluno autista, desenhado por um parâmetro de falas generalistas, podendo indicar um ritual de gestos e atributos comuns a todos, inibindo possibilidades de se pensar a partir de outras perspectivas capazes de responder pelas singularidades dos alunos autistas.

O diagnóstico do aluno autista

[...] eu noto como uma pessoa que não socializa muito com os outros, parece que vive num mundo, só seu e algumas características assim que eu procurei ler, não olha no teu olho, que tem como dizer alguns movimentos repetitivos, algo assim. Eu consigo perceber, fraco em alguns, mais, alguns menos e até as vezes também algo novo e não sabia, o que me chama atenção bastante é de ser do sexo masculino, isso é uma coisa que me chama atenção. (Professora G)

O diagnóstico do autismo, descrito pela Professora (G), apresenta o desenho de um aluno autista com mais detalhes, com informações mais precisas, delineando formas, linhas, inventando palavras para dizer as limitações, que talvez a condição de ser autista lhe atribua. A professora se refere, também, a outros aspectos, em que diz que para alguns as características associadas ao autismo são mais fracas e

outras mais fortes, além de mencionar algo novo, que ela não sabia.

A narrativa da Professora (G) pode estar se referindo a questões envolvidas na definição conceitual do autismo, descrevendo características possivelmente associadas a estudos clínicos, como as dificuldades de interação social e os interesses repetitivos e restritos, envolvendo uma diáde de comportamentos, os quais estão atribuídos ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) [3]. Segundo Alves (2014, p.46):

o espectro do autismo diz respeito a uma condição que varia à apresentação clínica do quadro, ou seja, a forma como ele se apresenta em cada criança, variando de caso para caso. A terminologia "espectro" sugere que as causas podem ser as mais variadas possíveis, fato esse que faz com que pesquisadores do mundo todo ainda busquem identificar a etiologia precisa do autismo. Desta forma, o espectro do autismo refere-se a sujeitos que podem variar quanto ao grau de inteligência, indo de um comprometimento profundo à faixa das altas habilidades.

O "algo novo"; apresentado pela narrativa da Professora (G), por ela desconhecido, ainda mantém o aluno dentro de um espectro, havendo nas diferenças, um grau de comprometimento. Provavelmente, o novo apresentado está associado a estes aspectos, mas importa compreender se o saber sobre o conceito do autismo contribuiria para a relação da professora com o aluno? Ter o conhecimento de alguns aspectos do modo de ser de alunos autistas, suas dificuldades de socialização, o não olhar nos olhos, apresentar movimentos repetitivos, seriam informações relevantes para a professora? Supondo que sim, se ela olhar somente para o autismo, classificando os alunos em categorias, graus de comprometimento, irá restringir a singularidade de cada um.

Importante salientar que somente as características apontadas pela professora não são suficientes para responder a tudo que o aluno pode vir a apresentar. Tendo em vista que a sua história de vida, sua aprendizagem, se dá no contato com o social, cultural e com outras pessoas. Os alunos autistas poderão recorrer a outros meios para tentar fazer as suas experiências com o mundo, em muitos momentos, não convencionalmente aceitas.

As professoras, ao falarem sobre definições e características inerentes ao autismo, indicam que entendem que essa via é considerável. Do mesmo modo, que ao compreenderem as questões envolvidas no diagnóstico do autismo, poderão justificar os comportamentos e aprendizagens do aluno, tornando, o diagnóstico, conhecido e plausível de aproximação ou distanciamento. Na perspectiva de inventar alunos autistas, pode ser importante pensar que "inventar pessoas altera o espaço de possibilidades para se ser uma pessoa" (HACKING, 2010, p. 123). Uma pessoa que, talvez, não seja capturada por narrativas que a cristalizem em comportamentos com características similares a todos e tampouco a considere como um número ou nível que deverá ser quantificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E REFERÊNCIAS

A partir das narrativas das professoras, torna-se importante destacar que cada uma delas fala de um determinado lugar, construído na trajetória de vida pessoal e profissional de cada uma delas. Pensar nos espaços e tempos é entender que as narrativas correspondem a um modo particular de ser docente. No momento em que falam sobre os alunos autistas, também inventam palavras que remetem a uma nomeação, a qual se institui por uma linguagem transmitida, reproduzida e reelaborada em suas experiências, sendo que tais maneiras de falar sobre o outro, poderão sinalizar as características que marcam o que foi dito. Narraram um aluno doente, como também um aluno que não socializava e nem olhava nos olhos e, contudo disseram que as características atribuídas ao diagnóstico do autismo eram comum a todos que estivessem na condição de ser autista.

Por sua vez, a linguagem também apresenta atributos de um sistema cultural e social, que as professoras representam através de sua maneira de ser e agir. As palavras e os comportamentos expressam o que a docente pensa sobre os alunos autistas, a partir de seus conhecimentos, crenças e conceitos. As professoras, quando inventam um aluno autista, também representam o desenho que não é visto pelas figuras e linhas, o dizem pelo modo de falar sobre o outro. Interpretam o que escutam, olham e sentem, sustentando o entendimento do que seja um aluno autista para cada uma delas.

No momento em que a linguagem inventa um referencial de aluno autista, a docência se institui a partir de um prontuário de cuidados, que prescreve modos de agir, aprendizagem e comportamentos com relação aos alunos autistas. Consequentemente, essa referência influenciará sobre os demais e, posteriormente, com a materialização de um nome, coloca-se o aluno em um determinado lugar, submetendo-o à nomeação das narrativas que o enclausuram no diagnóstico do autismo. Neste enclausuramento, os olhares direcionados, identificam a sua posição social e de aprendizagem, bem como as marcas do autismo inscritas em seu corpo e comportamento, afetando sua existência e a maneira como se relacionam e aprendem no mundo com os outros. Contudo, essas nomeações que nomeiam o aluno como autista não são passivas a relações de poder, pois no momento em que cada professora fala sobre o outro, respaldada em conhecimentos da sua trajetória como docente, a palavra instituída provoca resistências, onde circula o poder. Como ressalta Foucault (1990) o poder não está localizado em um determinado lugar, mas funciona e se exerce em rede.

E assim, é possível discutir outras possibilidades de olhar e entender o aluno autista, outros modos de inventá-lo que não sejam somente a partir das teorias e estudos que patologizam o seu modo de ser.

Pois, os alunos autistas, nem todos, poderão ser inventados por um diagnóstico, deficiência ou doença. As forças de resistência, produzidas como respostas, podem dificultar a captura neste processo de invenção. Há meios de fugas e no momento em que escapam, produzem as diferenças, as quais não poderão ser representadas através de um desenho pronto ou acabado, mas provavelmente sentidas na relação das experiências. Neste sentido, Schöpke (2004,p.80) considera a diferença "não como um dado concreto, mas uma pura relação."

No entanto, no momento em que existirem disputas pelos espaços, quer seja escolares ou não, separando e nomeando o outro, seja o outro desconhecido ou indesejável, as diferenças estarão sujeitas à exclusão. Entretanto, elas resistem e continuam se multiplicando.

No processo de inventar alunos autistas, pode ser importante pensar que "inventar pessoas, altera o espaço de possibilidades" (HACKING, 123), como já referido, e isto responde ao fato de que conhecer um aluno autista não é a garantia de conhecimento de todos os alunos autistas, pois mesmo havendo o diagnóstico e características similares entre eles, há uma pessoalidade, uma história familiar e de aprendizagem apontando para uma maneira única de ser e estar no mundo. E, assim, as questões apontadas poderão contribuir para entender a "complexidade que se apresenta quando falamos pelo outro, quando o narramos e o inventamos a partir das marcas da normalidade. (THOMA, 2004, p.67). Neste sentido, o ser de cada aluno autista se convergem em vozes que marcam as diferenças que poderão ser registradas nas experiências de cada professora.

Portanto, as experiências docentes com alunos autistas, como tema de pesquisa, tensionou a pensar em uma experiência que se faz na essência da vida, desenhando um território em que olhar, escutar e aprender se faz na lentidão do caminhar, na demora que permite apreciar os detalhes. Contudo isso, como um grupo de professoras narra as suas experiências docentes com alunos autistas? Nas aproximações e distanciamentos das narrativas docentes que foram contadas tensiono que cada professora desse grupo narra as suas experiências com alunos autistas, a partir do lugar em que é posicionada na estrutura escolar, sendo que, esse lugar poderá produzir cada docência e essa

responder com os sentidos das suas experiências.

[1] No presente artigo estamos nos referindo a alunos autistas para os gêneros masculino e feminino, optando pela terminologia alunos autistas conforme as narrativas das professoras.

[2] A entrevista narrativa para Andrade (2012, p.173), {...} é uma possibilidade de pesquisa ressignificada no campo de pesquisa pós-estruturalista em uma perspectiva etnográfica.

[3] Transtorno do Espectro Autista - (TEA)-terminologia, usada nos dias atuais, a qual se refere a déficits na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos. (APA 2014,p.50)

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **DSMV: manual de diagnóstico de transtornos mentais**. Tradução: Maria Inês Corrêa nascimento et.al.5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ALVES, Márcia Doralina. **Alunos com autismo na escola: um estudo de práticas de escolarização**.2014. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

ANDRADE Sandra dos Santos. **A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas**. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*(Orgs.). Belo Horizonte: Mazza, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HACKING, Ian. **Ontologia histórica**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.).**O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOCKMANN, Kamila. **Inclusão e biopolítica**. In: FABRIS, E. T. H.; KLEIN, R. R. (Orgs.).*Inclusão e biopolítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

LOPES, Mara Corcini. **Surdez &Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade.Rio de janeiro: Contraponto. São Paulo: Edusp, 2004.

THOMA, Adriana da Silva. **A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema**: In: _____. (Org.). *A invenção da surdez*. Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul:Edunisc, 2004.